



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CAMPUS DO BAIXO TOCANTINS
ABAETETUBA PA

PAULO RONALDO NOGUEIRA RODRIGUES

**O ESTUDO DA IRONIA NO CONTO MISSA
DO GALO, DE MACHADO DE ASSIS**

ABAETETUBA / PA

2022

PAULO RONALDO NOGUEIRA RODRIGUES

**O ESTUDO DA IRONIA NO CONTO MISSA
DO GALO, DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras da Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Benilton Lobato Cruz

ABAETETUBA – PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

R696e Rodrigues, Paulo Ronaldo Nogueira.
O estudo da ironia no conto missa do galo, de Machado de /
Paulo Ronaldo Nogueira Rodrigues. — 2022.
26 f. : il.
Orientador(a): Prof. Dr. Benilton Lobato Cruz
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2022.
1. Ironia. 2. Machado de Assis. 3. Conto. I. Título.

CDD 809.034

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Nome (orientador)

Prof. Nome (titular)

Prof. Nome (titular)

Prof. Nome (suplente)

Abaetetuba, PA, 25 de janeiro de 2022.

"... é a contradição, é o enigma, é Machado de Assis."

Lúcia Miguel Pereira

" Com a ironia você sai do reino do verdadeiro e do falso e entra no reino do ditoso e desditoso – de que maneiras vão além do que sugere o uso desses termos na teoria dos atos da fala. A ironia remove as certezas de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem."

Linda Hutcheon

Dedicatória

A Deus, que em sua infinita sabedoria, guia meus caminhos, proporcionando-me saúde, serenidade e disposição para enfrentar todas as etapas desta árdua caminhada.

A minha mãe Jovelina Nogueira Rodrigues e ao meu pai Benedito Costa Rodrigues, cujo amor infinito e apoio incondicional, foram responsáveis por minha base pessoal e educacional.

Aos meus irmãos que me apoiaram desde o início desta minha jornada.

Aos meus amigos que sempre estiveram do meu lado e que em todo tempo incentivaram-me a lutar.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço ao Senhor meu Deus, pelo conhecimento, proteção e força para a conclusão deste trabalho. Ao meu orientador, professor Dr. Benilton Lobato Cruz, que me orientou com o planejamento, a pesquisa e a conclusão do trabalho. A todos os professores da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Baixo Tocantins, pelas disciplinas ministradas, debates, eventos e orientações de pesquisas em linhas diversas. A todos os Servidores do Campus, que com sua esplêndida alegria acolheram-me e ajudaram-me desde o início da minha graduação até o encerramento desta etapa. A todos aqueles que me ajudaram na construção de uma etapa do conhecimento acadêmico e científico por meio de apresentação de trabalhos, debates, conversas, participação em eventos, pesquisas e viagens. Aos meus amados pais Jovelina e Benedito, que não mediram esforços para mostrarem-me um caminho e direção seguros. A todos, minha digníssima eterna gratidão.

O ESTUDO DA IRONIA NO CONTO MISSA DO GALO, DE MACHADO DE ASSIS

Resumo: Este trabalho busca analisar a ironia no conto Missa do Galo, de Machado Assis. Para tanto, a pesquisa se materializou-se de cunho bibliográfico com a leitura do conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis e, posteriormente, com a leitura de obras de autores da Literatura como Moisés (1960), Guimarães (1988), Oliveira (2011), França (2008), Spalding (2008), Perrot (2008), Gotlib (1990), Marins (2004), Santos (2010), Machado (2014), Dante (2013), que abordam o conto e a figura de linguagem ironia dentro do tema. Ressalta-se que a ironia machadiana está presente em vários contos do autor, mas para fins de delimitação de pesquisa, optamos por trabalhar com o conto Missa do galo devido às características da fina ironia e o poder da figura de atingir o pensamento do leitor dando a trama um toque de plurissignificação e múltiplas hipóteses para análise. Nessa conjuntura, a ironia traçou o sentido de escamotear um jogo sensual entre as personagens e ao mesmo tempo suavizar toda a situação e os contextos do conto em seu campo psicológico.

Palavras-chave: Ironia; Machado de Assis; Conto.

Abstract: This work seeks to analyze the irony in the short story Missa do Galo, by Machado Assis. Therefore, the research was materialized through a bibliographic nature with the reading of the short story “Missa do Galo”, by Machado de Assis and, later, with the reading of works by authors of Literature such as Moisés (1960), Guimarães (1988), Oliveira (2011), França (2008), Spalding (2008), Perrot (2008), Gotlib (1990), Marins (2004), Santos (2010), Machado (2014), Dante (2013), which approach the tale and the figure of speech irony within the theme. It is noteworthy that Machado's irony is present in several of the author's short stories, but for the sake of research delimitation, we chose to work with the short story Missa do Galo due to the characteristics of fine irony and the power of the figure to reach the reader's thought. giving the plot a touch of plurisignification and multiple hypotheses for analysis. At this juncture, irony traced the meaning of concealing a sensual game between the characters and, at the same time, softening the entire situation and contexts of the tale in its psychological field.

Keywords: Irony; Machado de Assis; Short story.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I. CONTO.....	11
II. MACHADO DE ASSIS.....	13
III. IRONIA MACHADIANA.....	16
IV. ANÁLISE DA IRONIA NO CONTO.....	18
CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
GLOSSÁRIO.....	25

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é “**O estudo da ironia no conto Missa do Galo, de Machado de Assis**”. A presente pesquisa inicia com um recorte teórico sobre conto. Posteriormente, aborda a bibliografia do autor Machado de Assis. Em seguida, é exposto um histórico sobre Ironia. E, por fim, é realizada a Análise da Ironia no conto Missa do Galo de Machado de Assis.

O estudo sobre os aspectos teóricos e a análise da ironia presente no conto machadiano nos faz refletir sobre a importância do autor Joaquim Maria Machado de Assis na literatura, na qual é considerado um dos principais contistas da história. Isso porque utiliza em seus contos a ironia para tratar e questionar assuntos como família, pobreza, sociedade e outros. Nessa perspectiva, o conto Missa do Galo é uma obra do autor em que a ironia é realçada para disfarçar uma realidade totalmente contrária à verdadeira situação.

A principal finalidade deste trabalho é analisar a figura de pensamento ironia no conto Missa do Galo, de Machado Assis, publicado no livro Páginas recolhidas, de 1899, no Rio de Janeiro. Esta obra pertence à fase madura do autor. Por essa razão, é possível identificar, por meio da fala das personagens, como a figura de pensamento ironia é apresentada. Além disso, observa-se a importância da fina ironia utilizada para ocultar um diálogo erótico e inadequado para o contexto do século XIX.

A importância desta pesquisa se reflete no poder que a ironia tem de agir na mente do leitor em expressar um pensamento crítico ou sem se expor de maneira exaustiva. Em outras palavras, por meio da ironia, é possível questionar determinado assunto, apresentando-o de maneira engraçado com o objetivo de expor algo com significado contrário ao que está sendo exposto.

Devido a esta pesquisa ser de cunho bibliográfico, primeiramente, foi realizada a leitura do conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis e, posteriormente, foram lidas obras de autores da Literatura que abordam Conto, Machado de Assis e Ironia. Em razão da pandemia da Covid-19 e da quarentena, não foi possível a leitura e estudo de livros físicos. Sendo assim, foram utilizados suportes de livros digitais como PDF (Formato de Documento Portável), assim como pesquisas de artigos científicos em sites e revistas digitais.

Para a realização deste estudo, utilizou-se pesquisa bibliográfica acerca de renomados autores literários como Moisés (1960), Guimarães (1988), Oliveira (2011), França (2008), Spalding (2008), Perrot (2008), Gotlib (1990), Marins (2004), Santos (2010), Machado (2014), Dante (2013) e entre outros. Nessa conjuntura, foi de fundamental importância a leitura desses autores para realização deste trabalho, já que eles contribuíram e deram suporte ao tratamento do Conto, do autor Machado de Assis e da Ironia. Portanto, sem a contribuição deles, não seria possível compreender os assuntos em questão.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos: (I) Conto, conceitualização e traçar um aspecto histórico; (II) Machado de Assis, biografia e levantamento das principais obras do autor; (III) Ironia Machadiana, conceito e histórico da ironia; e (IV) Análise da Ironia no Conto, com foco na ironia presente no conto.

I CONTO

A contação de história é uma narrativa milenar que vem sendo transmitida de gerações a gerações, pois como Gotlib (1990) relata que o homem é um ser gregário e a história sempre uniu respectivas pessoas em rodas de convivência para uma simples contação de histórias míticas, mas também para reuniões de manifestação de cunho sagrado. Além disso, a autora supracitada postula que demarcar uma linha de origem da contação de histórias, seja um ato impossível, haja vista que o possível surgimento do gênero nos leva a tempos remotos que não existiam a escrita. Por isso, a autora cita as fases, as quais ela define como:

[...] há fases de evolução dos modos de se contarem histórias. Para alguns, os contos egípcios – Os contos dos mágicos – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo. Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam. O da história de Caim e Abel, da Bíblia, por exemplo. Ou os textos literários do mundo clássico greco-latino: as várias histórias que existem na *Ilíada* e na *Odisséia*, de Homero. E chegam os contos do Oriente: a *Pantchatantra* (VI a.C.), em sânscrito, ganha tradução árabe (VII d.C.) e inglesa (XVI d.C.); e as *Mil e uma noites* circulam da Pérsia (século X) para o Egito (século XII) e para toda a Europa (século XVIII). (GOTLIB, 1990, p. 5)

Para Gotlib (1990), as mil e uma noites traçam uma história do conto que serviam como entretenimento para as pessoas, em paralelo, a narrativa, de Sheherazade que inventava um

conto a cada noite para fugir da morte sentenciada por Shariar, configura uma espécie de objetivo do conto. Por outro lado, destaca-se a questão da elaboração dos contos de Boccaccio, os quais rompem a tradição escrita e são traduzidos para outras línguas.

Nessa mesma linha, Spalding (2008) relata que alguns historiadores postulam que o conto teve sua origem no Egito, há aproximadamente 4.000 anos antes de Cristo. A história do conto é indissociável da história da humanidade, seja pela evolução constante ou transformações ao decorrer de séculos. Um traçado que passa pelo período de gênese, ou seja, pela história de Adão e Eva, Caim e Abel, ou pelos orientais, de mil e uma noites, ou por Boccaccio com seu Decameron. Para a autora, o século XIX propiciou o desenvolvimento do conto por parte dos Irmãos Grimm e Edgar Allan Poe.

Para Moisés (1960), a origem do conto é de natureza desconhecida e a verdadeira história é vedada pela questão da impossibilidade de investigação. Logo, a origem do conto suscita diversas hipóteses, tais quais: a indo-europeia, dos irmãos Grimm, a teoria etnográfica, de Theodor Benfley, a teoria ritualista, de Paul Saintyves e a teoria Marxista, de Vladimir. O conto é uma forma simples que se insere com facilidade no folclore e no fantástico de fadas, mitos e sagas. Moisés tece os seguintes comentários à questão:

Como "forma simples", o conto entranharia no folclore, aproximando-se da fábula e do apólogo, ou no universo das "histórias de proveito e exemplo", do mundo de fadas, da carochinha, e continuaria a ser cultivado mesmo depois do século XVI, pela mão de La Fontaine, Irmãos Grimm, etc. E como 'forma artística', o conto seria o literário propriamente dito, por apresentar autor próprio, desligado da adição folclórica ou mítica para colher na atualidade os temas e as formas de narrar. Sublinhe-se que o conto, seja como "forma simples", seja como "forma artística", gravita ao redor do mesmo núcleo estrutural. (MOISES, 1960, p.33)

Moisés (1960) destaca que a estrutura do gênero conto é centrada numa única célula de dramaticidade. Logo, ele gravita em um único conflito que se dá por meio de duas personagens que são protagonistas e antagonistas, ou por forças externas. As causas do conflito podem ser variáveis como a divergência moral, um desejo, um efeito fantástico. O conflito produz uma tensão até o clímax que é o momento de maior tensão do conto, por fim, a tensão segura a atenção do leitor até o desfecho que por sua vez causa um impacto no leitor.

Cortázar (2006) traça uma comparação entre conto e romance, pois, analogicamente, o conto parte do limite físico para a sua materialização e o romance se desenvolve sem muitos limites. Por outro lado, o contista sabendo que não possui tempo deve verticalizar ao máximo a profundidade, sendo que o tempo e espaço devem estar irmanado em uma intensidade brutal para provocar no leitor uma abertura. Veja as palavras de Cortázar sobre a questão da temática do conto:

Parece-me que o tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional, mas não quero dizer com isto que um tema deva ser extraordinário, fora do comum, misterioso e insólito. Muito pelo contrário. Muito pelo contrário, pode tratar-se de uma história perfeitamente trivial e cotidiana. O excepcional reside numa qualidade parecida a do ímã; um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções entrevisões, sentimentos e até idéias que lhe flutuavam virtualmente na memória ou na sensibilidade; um bom tema é como sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência.(CORTÁZAR, 2006, p.154)

O autor supracitado ressalta a questão da temática e da sutileza do conto que retrata assuntos corriqueiros, como uma foto do cotidiano da sociedade. Por outro lado, o conto extrai uma única cena envolta de uma única célula dramática com desfecho aberto por clímax rodeado por personagens – protagonistas e antagonistas.

Moisés (1960) ressalta que o ponto de vista introduzido pelo contista constrói uma linha de realce na estrutura do conto, pois a grande profundidade resulta de um jogo narrativo que pode ser encadeado por perspectiva favorável do leitor em entender mais sobre o desfecho do conto. Por outro lado, a fluidez do mistério e do enigma atrai o leitor para a leitura integral do conto.

Em síntese, conto é uma narrativa breve que possui uma única célula dramática produzida por personagens com ou sem antagonistas. A narrativa possui um conflito que prende a atenção do leitor até um clímax esperado pelo leitor, o qual recebe o desfecho com expectativa. Ressalta-se que a estrutura do conto não está presente em nenhum esquema, mas em uma estrutura pré-definida que pode se analisar como um gênero do discurso relativamente estável.

II MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis, o bruxo do Cosme Velho, nascido na província do Rio de Janeiro, nos idos de 1839, pai brasileiro de cor negra e mãe portuguesa. Órfão aos dez anos de idade enfrentou o luto e a orfandade com audácia e aos quinze anos já dominava a língua moderna da época – O Francês. De uma bibliografia amplamente documentada em livros, artigos e comentários sobre as obras e vida deste intelectual, o qual legou ao Brasil e ao mundo um conjunto de textos que são publicados, republicados e traduzidos para as diversas línguas.

Para França (2008), o escritor produziu e publicou entre 1858 e 1907, sete coletâneas de contos, tais quais: Os Contos fluminenses, as Histórias da meia-noite, os Papéis avulsos, as Histórias sem data, as Várias histórias, as Páginas recolhidas e as Relíquias da casa velha. O autor supracitado acima ressalta que 76 contos foram publicados pela mídia impressa da época em jornais, revistas e periódicos que se somados aos publicados pelo autor chegam ao número de 218 contos no total.

Para Veríssimo (1916), Machado de Assis foi um dos maiores escritores da Literatura brasileira, sendo é que possuía a idiosincrasia de não aderir a nenhuma escola literária em voga. É visível notar claramente que o autor refere em [...] “Mas a sua índole literária avessa a escolas, a sua rara personalidade, que lhe não consentiu matricula em alguma escola, quase desde princípios fizeram dele um escritor à parte” [...]. Tais características citadas acima dão a escritura literária de Machado um frescor literário moderno.

Segundo Candido (2011), o escritor Machado de Assis nutria entre seus pares uma respeitabilidade singular e entre os críticos o posto de maior escritor brasileiro em vida. Em paralelo com Portugal, o Brasil tinha seu Eça Queiros representado na figura de Joaquim Maria Machado de Assis que com suas peculiaridades e talento conseguiu ser maior do que os escritores que representavam uma corrente majoritária de pensamento literário - Romantismo.

Oliveira (2011) assevera que a obra de Machado prevê o surgimento de uma nova Escola Literária com fatores de representação no homem burguês e no meio social, e através da ironia crítica aos costumes burgueses da época, nas personagens oblíquas e ambíguas.

Nesse turno Achcar (2000) aborda que o modo Machadiano no qual põe o seu foco as personagens de fora para dentro, em que vai descascando as pessoas, aparência atrás de aparência. Por conta disso Machado é estimado penetrante “analista” da alma humana” e agudo crítico da sociedade.

O autor é seminal em pontuar que Machado de Assis traça nas personagens um ponto de incoerência em colocar em oposição o externo e o interno como forma de desnudar as verdadeiras ambições da personagem, pois Machado se coloca como um escritor que transforma a realidade da sociedade do Rio Janeiro em ficção literária com viés de introduzir uma crítica à dissimulação de uma elite pudica e tradicional.

Por outro turno, Schwarz (2003) corrobora com a ideia de que Machado desnuda com superficialidade e hipocrisia da sociedade do século dezenove, pois o mestre retrata “uma espécie de oco dentro do oco” (SCHAWARZ, p.21). Logo, a retratação da realidade social nos contos machadianos é incorporada à própria escritura orgânica da narrativa por meio de recursos estilísticos e as figuras de pensamento, principalmente, a ironia que expõe a nuance e o falso moralismo de uma sociedade que era caracterizada por uma elite oscilante entre a então nova doutrina do liberalismo e o velho modelo da monárquica e escravocrata.

Nessa perspectiva, Machado de Assis criou com sua perspicácia psicológica uma forma de crítica social que criticava a sociedade de sua época por meio da ironia fina é tão sutil que o narrador machadiano conseguia trazer ao leitor as veleidades da burguesia expondo os próprios defeitos de quem o lia.

Nessa conjuntura, Candido (1977) afirma que a técnica de Machado equivale essencialmente em opinar as coisas mais tremendas da forma mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em instituir uma oposição entre a normalidade social dos eventos e a sua anormalidade essencial; ou em dar opção, sob a aparência do oposto, que o ato excepcional é normal, e normal seria o ato corriqueiro. Aqui está a razão da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.

Candido ressalta a questão do contraste usado por Machado resultante da ironia em paralelo com a questão normalidade social e da anormalidade. Logo, o cuidado em expor a anormalidade e acurada percepção do escritor em usar a técnica da ironia para desvelar os pontos obscuros dentro do conto são admirados para a época.

Corroborando com a ideia, Santos (2010) disserta que Machado foi um grande escritor na literatura brasileira. Sua imensa produção configura-se como uma escrita versátil que o deu direção à consagração ainda em vida. O escritor tinha uma visão aguda, o que fez permitir uma escrita crítica e denunciadora da sociedade da época. Choques psicológicos e adultérios foram temas frequentes nas narrativas machadianas, assim como a fina ironia do escritor contra as hipocrisias da burguesia no século XIX.

Em suma, o escritor, Machado de Assis, é um pintor das nuances de sua sociedade coeva que fez um retrato literário expondo os freios e contrapesos da sociedade. Por outro lado, usou da literatura sutil e fina para de certa forma materializar a vontade oculta de uma sociedade em transição, por meio da ironia colocou os causos de adultério, morticínio, destino e sexualidade na mesa do cidadão da capital do Brasil.

III IRONIA MACHADIANA

De maneira geral, pode-se dizer que a ironia consiste em falar ou expressar o contrário daquilo que se pensa ou demonstra, revelando uma distância intencional entre aquilo que se declara e o que de fato se pretende dizer na verdade.

A ironia nos contos de Machado de Assis parte de um efeito de leveza, suavidade e sutileza. Para Guimarães (1988), é a figura de pensamento que expõe, através da entonação, do contexto, da contradição de termos, o contrário do que as palavras ou orações parecem exprimir, ou seja, o narrador transmite ao leitor um quê de duplicidade sutil para um termo evocado pelo personagem para determinada situação.

Segundo o Dicionário On-line de Português a figura de linguagem ironia é a ação de dizer o oposto do que se quer expressar, a figura de linguagem que através da qual se expressa exatamente o oposto daquilo que se diz, a utilização de uma expressão, vocábulo ou frase de significação contrária ao que supostamente deveria ser expresso, usado para caracterizar ou nomear alguma coisa.

A exemplo recorre-se a um escritor fundamental da literatura medieval: Dante Alighieri (2013), o qual, em sua obra: “A Divina Comédia”, retrata uma viagem do Inferno ao Paraíso. Nesta obra, Dante tratava com fina ironia os problemas daquela época. Pode citar aqui o trecho do próprio Dante que escreve: “Formado fui por divinal possança, Sabedoria suma e amor supremo”. (ALIGHIERI, 2013, p. 55), neste excerto o autor estava a porta do Inferno e traduz o local como um lugar criado pelo Santíssimo emergido no princípio da sabedoria e do amor Eterno para com os seus filhos, tal efeito pode ocasionar no leitor uma perspectiva jocosa de risos irônicos proporcionados pela ironia fina do autor em colocar o Soberano como artífice do tremido calabouço eterno. Nessa conjuntura Sacconi (2008) afirma que a figura de linguagem ironia é aquilo que expressa sugestão ao contrário do que as palavras ou as frases exprimem.

Nota que até por volta do século XVIII, a ironia foi denominada apenas como uma forma oratória, a qual não possuía domínio específico da literatura. Por conseguinte, a figura era considerada o contrário do que se imaginava dizer dentro de um sentido literal da frase ou palavra, isto é, a ironia deixava o ouvinte em uma situação de reflexão sobre o real motivo da enunciação. Nessa perspectiva, esse conceito de ironia estava ligado estreitamente à Retórica e é de caráter essencialmente linguístico. Nessa conjuntura, se recorria a grandes oradores latinos como Cícero (I a. C.) e Quintiliano (I d. C.).

Brait (1996) afirma que a ironia pode ser estudada a partir das atitudes filosóficas do Sócrates e aparentemente como os filósofos Platão e Aristóteles entendiam as conversas de Sócrates. No qual a ironia de Sócrates é possivelmente retratada de uma diferença de duas ironias a de atitude e a de linguagem. Quando se fala filosoficamente das atitudes irônicas, a linguagem é a única dimensão que possibilita a apreensão e a compreensão deste procedimento, ou seja, a linguagem é fundamental em tal processo.

No Livro I, de A República, de Platão, o renomado filósofo Sócrates denomina que a ironia é como um recurso utilizado para fins trapaceiros, no qual é notado no diálogo entre Sócrates, Polemarco e Trasímaco. Em que Sócrates faz algumas perguntas ao Trasímaco, e este rir e não responde Sócrates. Então, neste viés desta conversa é notado que Sócrates ao responder ao Trasímaco dispõem de maneira ironicamente exposto pelo filósofo grego, no qual parte de uma conversa que trata de um determinado tema, em que questiona Trasímaco e, diante de um confronto de questionamentos e resoluções delineados.

Para Oliveira (2011, p. 49 apud Beth Brait, 2008, p. 29), a ironia possui seu primeiro sentido é a interrogação. A ironia socrática é essa arte de interrogar e de responder, pela qual Sócrates, de uma primeira questão, obtém uma primeira resposta, e de questões subsidiárias em questões subsidiárias, surgem respostas variadas que lhe permitem mostrar a incoerência até que o interlocutor admita a sua ignorância.

Por outro turno, Perrot (2008) retrata que Machado de Assis fez uso peculiar e característico da ironia e construiu em sua obra uma estratégia denominada ironia “romântica” que traça todo um encadeamento de jogos possíveis para esconder a intencionalidade real e com o escopo de ruptura da ilusão presente na obra. Nessa perspectiva, o autor diz: [...] “A ironia romântica pode, assim, ser interpretada como um princípio literário estruturante e específico, baseado no jogo entre os sentidos possíveis.” (PERROT, p. 14, 2008).

Por conseguinte, entende-se pela assertiva de Perrot que o escritor Machado de Assis utiliza a ironia de uma maneira que faz com que o leitor fique encantado diante do jogo de possibilidades que o autor traz a lume, ou seja, ele faz o leitor ter suas próprias ideias e escolher a hipótese que mais se afeiçoa ao leitor, assim ficando livre para criar seus pensamentos e opiniões sobre um determinado assunto – como é observado no conto *Missa do Galo*, o qual é o corpus desta pesquisa.

Para Candido (2004), Machado de Assis tinha uma linguagem boa que expõe o estilo de ironia fina e refinada, sendo um recurso profundo e agudo intercalado por um viés de delicadeza. Ao passo que Machado usava de artifícios como alusões, eufemismos, ironia fina para coadunar com as exigências morais da sociedade, os naturalista eclodiam com a sua descrição detalhada. Logo, o autor supracitado pontua que o estilo de Machado foi analisado como ácido, ousado, elegante e comedido com um respeito aos padrões morais da época.

Schawarz (2003) postula que a ironia se materializa por meio de referenciação, ou seja, partindo de textos antigos com descrição da prosa baseada na norma burguesa com o objetivo de desvelar os pontos obscuros revestidos de moralidade da sociedade. Além disso, a estética da ironia transmuta, por meio de outras palavras, uma situação específica externa, a qual é percebida por traço de dualidade da sentença ou palavra que geralmente caminha para um clímax.

Para Marins (2004), o escritor insere o procedimento da narração irônica com o intuito de criticar alguma coisa estabelecida, sem julgar que o ponto de vista exposto seja o ideal ou o perfeito, pois do outro lado deve-se considerar o ponto de vista do leitor que analisa a construção e o efeito estilístico. Tendo-se que ponderar que a finalidade da ironia leva a situações em que o narrador irônico pode citar e criticar hábitos do próprio leitor que habitava a sociedade carioca da época.

Em síntese, a ironia machadiana circunda os contos de Machado de Assis, ora como uma estratégia do narrador para escamotear as reais intenções de seu texto, ora para retratar suavemente as idiossincrasias da sociedade burguesa da Capital. Por isso, quiçá, o narrador utilizasse da figura de pensamento para ocultar a real intenção da crítica pontual aos maus feitos da sociedade do século XIX, como é observado claramente no corpus deste trabalho.

IV ANÁLISE DA IRONIA NO CONTO

O conto *Missa do Galo*, do autor renomado Joaquim Maria Machado de Assis, publicado no livro *Páginas recolhidas*, de 1899, no Rio de Janeiro, pertence à fase madura do autor. Nesse momento, a ironia é uma das principais características de Machado de Assis. Neto & Moreira (2019) assevera que a análise da ironia machadiana circunda do conhecimento de um lugar comum, o qual se constitui por um arcabouço cultural dos personagens dentro da cena, haja vista que a análise se encontra dentro do lugar comum e ocorre por efeitos linguísticos e imagens que irão de encontro com a ordem política, moral e social constituída na cabeça do leitor.

No qual o conto dispõe de uma narrativa que se passa em apenas um espaço na sala (Rio de Janeiro), com um tempo de ação retrospectivo, o clímax acontece quando Conceição percorre de um lado para o outro, sentando e cruzando as pernas de forma sensual fazendo assim despertar toda a atenção de Nogueira em volta dela, e com duas personagens relevantes, Conceição e Nogueira, nota que este conto é um dos mais famosos do autor, por se tratar um clima de tensão psicológica e sexual e por sua temática sobre relações conjugais.

O conto começa quando o narrador-personagem, Nogueira, faz questão de ficar no Rio de Janeiro para acompanhar a *Missa do Galo*, celebração católica que acontece na véspera do Natal. O foco narrativo é em primeira pessoa, em que o autor relembra sua juventude no qual sua idade era de 17 anos e que ficou hospedado na casa do escrivão Meneses para estudar.

Após o narrador-personagem ter entrado de férias, ele permanece mais um pouco no Rio, devido ser quase Natal, o qual pretendia assistir à *Missa do Galo* na Corte. No exato dia da missa, Nogueira acerta com seu vizinho de ir acordá-lo para que fossem juntos, e durante o percurso de espera, ele fica na sala e começa a ler “*Dom Quixote*”.

Sendo que a personagem Meneses havia saído naquela noite ao encontro com sua amante, deixando assim Conceição e Nogueira na casa. No qual ela fica acordada e vai conversar com o Nogueira, e logo eles começam a se aproximar, assim no desenrolar do conto havendo cenas com grande tensão sexual entre os dois. Nessa perspectiva Nogueira esquece totalmente da *Missa do Galo*, e dispõe a conversar com Conceição e a observando fixamente.

Portanto, o diálogo chega ao seu término quando o vizinho bate na janela, chamando o narrador-personagem para ir à missa conforme haviam combinados. Dessa forma o conto “*Missa do Galo*” se encerra quando no dia seguinte, Conceição volta ao seu comportamento normal e com a morte de seu marido ela casa novamente com o escrevente juramentado do marido.

Para Moisés (1960), o conto, *A missa do Galo*, é composta por uma única célula que narra um diálogo sensual entre o narrador-personagem, Nogueira, de 17 anos e D. Conceição, de 30 anos, casada com o escrivão Meneses. A perspectiva da ironia começa no foco narrativo que expõe a realidade irônica da casa, a qual representa, externamente, uma pacata família tradicional, mas, internamente, o clima era rodeado de indiretas. Veja como Moisés retrata:

[...] o diálogo repassado de sensualidade, entre o narrador, Nogueira, então com dezessete anos, e sua hospedeira, D. Conceição, uma balzaquiana, casada, com 30 anos. Enquanto dormiam a sogra e as duas escravas, e como o marido, o escrivão Meneses, saísse de mansinho para uma de suas noites de teatro, eufemismo que lhe encobria os “amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana” [...]. (MOISÉS, 1960, p.41).

A situação exposta por Moisés chega a ser até cômica, pois o narrador-personagem comenta a questão do teatro em: “pedi-lhe que me levasse consigo nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte.” (ASSIS, 1899, p. 27). Logo, a ironia se faz presente quando as personagens disfarçam a realidade, mas todos davam indícios que sabiam da situação, com exceção de Nogueira. Além disso, verifica-se que a sogra fazia careta e as escravas riam da inocência do narrador.

Conceição, no primeiro momento, é retratada como uma mulher resignada e que aceita as aventuras amorosas de Meneses, podemos observar a afirmação em: “Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.” (ASSIS, 1899, 27) e continua “[...] “No capítulo de que trato, dava para maometana, aceitaria de um harém, com as aparências salvas” [...] (ASSIS, 1899, 27). O autor expressa que a personagem Conceição era obediente ao matrimônio e muito pura.

Segundo Machado (2014), o dogma da imaculada Conceição está na declaração de que Maria não foi atingida pelo pecado original, ou seja, Maria nasceu sem a mácula do pecado. Machado de Assis trabalha muito com o nome e a questão de sua significação, como exemplo, temos o nome Eugenia, o qual está na obra *Brás Cubas* e significa perfeição, mas o autor joga com o nome e traz a torna uma personagem coxa para mostrar que o ser humano é imperfeito desde a origem. Logo, a personagem Conceição carrega no nome a carga de castidade, religiosidade e pureza. Dessa forma, a ironia está presente intrinsecamente no nome da

personagem Conceição, ou seja, no qual há um jogo irônico da personagem frequente no conto.

No segundo momento, o autor mostra outro lado de Conceição com a seguinte sentença: “[...] Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido [...]” (ASSIS, 1899, p.27). Nessa conjuntura, Machado de Assis usa a alcunha de “a santa” com o objetivo de alertar ao leitor que Conceição iria transgredir em sua missão, logo a fina ironia é exposta no conto com um ar de evidenciar ou dar indícios que a personagem não é tão santa como o nome sugere.

Por outra perspectiva, a fina ironia de Machado é inovadora, pois o trabalho de juntar uma ironia fina e a religiosidade com tanta delicadeza é *sui generis* para época. Diferente da ironia apresentada por Boccaccio por volta do século XIV, no qual Boccaccio traz à estética de crítica à religiosidade, mas suas ironias eram lacerantes e ácidas e constrangedoras para aquela época. Veja um excerto do conto de Boccaccio:

A jovem respondeu de boa fé: “ó meu padre, já que eu tenho o inferno, faça-se como quiseres.” Disse, então, Rústico: “Abençoada sejas, minha filha! Então vamos lá metê-lo para que ele me deixe em paz.” “Dito isto, levou a jovem para uma das camas e ensinou-lhe como ela devia pôr-se para encarcerar aquele maldito de Deus. A jovem, que nunca havia metido nenhum diabo no inferno, à primeira vez sentiu alguma dor e, por isso, disse a Rústico: “De facto, meu padre, má peste deve ser este diabo e um verdadeiro inimigo de Deus. Mesmo no inferno, e não noutra sítio, faz doer quando é metido lá dentro.” Disse-lhe Rústico: “Filhinha, não vai ser sempre assim.” E para que isto não voltasse a acontecer, seis vezes o tornaram a meter antes de se levantarem da cama, até que finalmente lhe tiraram a soberba da cabeça e ele repousou boamente em paz. (BOCACCIO, p.236).

Pode-se observar que Boccaccio possui a intenção de chocar e constranger o status quo da época com um jogo de ironia aguda que vai de encontro à sociedade. Ressalta-se que Machado usa veladamente a crítica que está embutida por meio de ironia, metáfora e outros recursos estilísticos.

De acordo com Assis “[...] Mais baixo! mamãe pode acordar. E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras” (ASSIS, 1899, p. 29), o autor faz menção ironicamente ao amor e ao desejo apresentado por Conceição e Nogueira no

diálogo em que ambos tratam da posição, do gosto, do desejo do personagem de ver a sensualidade de Conceição.

Em outro turno, o autor faz menção aos diálogos entre Nogueira e Conceição e as disposições do discurso chegam a um ponto de sensualidade e ambiguidade nos discursos de Conceição que ora acena para uma situação suave enlace sensual, ora por um caminho de diálogo rígido. O ponto seminal irônico que demarca o diálogo está na representação dos quadros na sala de Conceição, veja o trecho:

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros. Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleópatra"; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios. — São bonitos, disse eu. — Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro. — De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro. — Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório. (ASSIS, 1899, p. 30 - 31).

Os quadros de “Chiquinho” ironizavam ao personagem por seus males do adultério e também davam indícios ao leitor que Conceição gostava dos quadros e das personagens – Cleópatra, principalmente. Conceição, posteriormente, ela afirma que pensa muitas coisas esquisitas e se contradiz dizendo que não gosta dos quadros, pois queria no lugar deles uma pintura da Senhora de Conceição, a qual é sua santa de oração. A ironia como o nome de Chiquinho, Cleópatra e Conceição é notória, haja vista que Chiquinho é um nome depreciativo e não carinhoso, Cleópatra por sua vez é a mulher de dois amores e manchada pela macula e Conceição é castidade e imaculada. Enfim, o conto machadiano é permeado de ironias com o objetivo de levar o leitor a imaginar a várias faces da sociedade burguesa do Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

Por meio da presente pesquisa e da análise do conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, pode-se concluir que Assis apresentou uma fina ironia inovadora no século XIX, e

continua viva na atualidade, no qual o autor ocupa um lugar fundamental na literatura brasileira, em que seus contos por serem recheados de ironias são muitos utilizados no plano de ensino escolar. Nessa perspectiva, vale destacar que a ironia é uma característica peculiar deste grande escritor. Sendo assim, é o ponto forte de Assis, pois, fez sua escrita ser diferenciada dos outros escritores da época. Além disso, sua escrita possui um caminho muito vasto de técnicas, por meio das quais, o autor apresenta diversas possibilidades de interpretação.

Verificou-se que Machado de Assis é um autor respeitado por muitos escritores por utilizar sua ironia, por meio da qual domina o leitor de maneira que retrata a ação dos personagens representando a realidade da sociedade sem que percebam que ele está fazendo críticas ao seu modo de viver. Só para ilustrar, Assis ironiza o relacionamento familiar, além disso, Machado de Assis com sua fina ironia utiliza para ocultar um diálogo erótico e inadequado para o contexto do século XIX – como pode ser observado no conto “Missa do Galo” -, a postura do homem, o diálogo erótico das personagens, o lugar da mulher naquela época, a presença da escravidão, os costumes religiosos e entre outros.

Este trabalho foi de natureza bibliográfica, em que a leitura do conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, teve como foco a presença da ironia utilizada pelo autor diante dos personagens. E, posteriormente, centralizou-se nas leituras de grandes autores da Literatura que abordaram Conto, Machado de Assis e Ironia. Os materiais utilizados foram livros digitais como PDF (Formato de Documento Portável), bem como pesquisas de artigos científicos em sítios e revistas digitais. Dessa forma, a internet foi fundamental para realização desta pesquisa.

O estudo da ironia no conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, traz uma reflexão sobre o fato de que deve-se investir em pesquisas deste cunho, pois, a ironia tem um poder de agir no pensamento dos leitores. Isso significa dizer que esse recurso linguístico faz com que o leitor crie seus próprios argumentos a respeito de um determinado assunto. Além disso, é notória a existência de uma imensidão de autores que retratam a importância de se trabalhar com a ironia nos contos de Machado de Assis na sala de aula.

Portanto, a partir do resultado desta pesquisa e análise do conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, foi possível destacar que a ironia atua no campo do psicológico e age no pensamento do leitor, de tal modo, que suaviza as questões problemáticas da época e nos dias atuais. Assim sendo, ela é muito explorada na literatura e, nessa conjuntura, seus efeitos dão

atração e beleza ao texto. Por todas essas razões, Machado de Assis utiliza a ironia como elemento característico de toda sua produção literária independente de qual fase ou época. Em súpula, ele foi um destaque da sua época e continua sendo na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHCAR, Francisco. **Machado de Assis. Contos** – Seleção apresentação e notas. 7ª edição. São Paulo: Objetivo, 2000.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. 1º ed. São Paulo: Editora: LL Library, 2013.

ASSIS, Machado. **Missa do Galo**. Páginas recolhidas. Rio de Janeiro. Editora: Garnier, 1899.

BOCACCIO, Giovanni. **Decâmeron (Volume II)**. Edição n.º 40809/3133. Europa-América, Lisboa, s/d.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

CÂNDIDO, Antônio. **Esquema de Machado de Assis**. In: *_. O direito à literatura e outros ensaios*. Coimbra, Portugal: Editora Angelus Novus, 2004, p. 68-9; 73.

CÂNDIDO, Antônio. **Esquema de Machado de Assis**. In: *Vários Escritos* .5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. **Esquema de Machado de Assis**. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1977.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Dicionário On-line de Português. Disponível em: <https://www.google.com>. Acessado em 03/01/2022.

FRANÇA, Eduardo Melo. **Ruptura ou Amadurecimento? Uma análise dos primeiros contos de Machado de Assis**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008, p. 101-2; 144; 146-7.

GOTLIB, N.B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

GUIMARÃES, H. S. **Figura de linguagem: teoria e prática**. 3 ed. São Paulo: Atual, 1988.

MACHADO, Jorge. **O Arraial**. IN: *Mater Puríssima: histórias da festa de Conceição em Abaeté do Tocantins*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 2014. p. 77-96.

MARINS, Álvaro. **Machado de Assis. Machado e Lima: da ironia à sátira**. Rio de Janeiro: Utópos, 2004, p. 52; 88; 212-3.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa 1**. 9º ed. São Paulo: Cultrix, 1960.

NETO, Antônio Joaquim Pereira & MOREIRA, Marcello. 2019. **Artigo. A insanidade crônica: ironia e indeterminação em “O alienista”, de Machado de Assis**. Artigo. Belo Horizonte: Eixo Roda, v. 28, n. 3, p. 199-222, 2019.

OLIVEIRA, Marina, Rodrigues. **Escravidão e Resistência: A ironia como recurso Estilístico nos contos Machadiano**. João Pessoa, Rose João, 2011.

PERROT, Andrea Czarnobay: **Machado de Assis: ironia e filiação literária**, 2008.

PLATÃO. **A República**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 19.

(Coleção A obra-prima de cada autor).

SANTOS, Marli Cardoso dos. **Sonho em Machado de Assis: Análise dos espaços fantásticos**. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2010.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. In:_. Ao vencedor as batatas: Forma literária e processo social no inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003. p.28-9. (Coleção Espirito Crítico).

SACCONI, Luiz Antônio. **Gramática comunicativa Sacconi**. 1 ed. São Paulo: Nova Geração, 2008.

SPALDING, M. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. Dissertação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. Brasília, 1981.

GLOSSÁRIO

Clímax: Ponto, elemento, momento, situação de maior relevância que tende a ser o final de um processo que se desenvolve gradativamente.

Comborça: amante, Amásia de homem casado.

Escamotear: Ocasionar o desaparecimento de alguma coisa sem que ninguém dê falta ou perceba.

Idiossincrasias: Modo de se comportar, de agir, de se portar característico de alguém.

Possança: Qualidade do que tem poder, força; pujança, vigor, potência.

Quiçá: Que pode ou não acontecer; de uma maneira possível, mas que não se tem certeza; talvez, porventura.

Status quo: estado atual de algo ou estado anterior a uma alteração.

Sui generis: Sem semelhança com nenhum outro, único no seu gênero; original, peculiar, singular.

Veleidades: Intenção de difícil realização: ter veleidades de resistência. Vontade injustificada; capricho, fantasia, extravagância. Falta de prudência; imprudência, leviandade. Inclinação para; tendência.